

OS QUASE-FONEMAS DO PORTUGUÊS

Afrânio Garcia (UERJ)

INTRODUÇÃO

Existe um grupo de sons no português que são usados apenas num conjunto muito reduzido de interjeições e, o que é mais interessante, somente nelas, não ocorrendo em nenhuma palavra de nossa língua.

Esses sons não podem, de maneira alguma, ser considerados *fonemas*, visto não serem segmentáveis nem comutáveis por outros fonemas, ou seja, esses sons que aparecem nessas interjeições não fazem parte de nenhum outro tipo de vocábulo ou interjeição nem se opõem a nenhum outro fonema, na medida em que não existe nenhum *par mínimo*, ou ambiente fonético, em que estes sons contrastem com outros fonemas da língua portuguesa.

A tendência geral seria caracterizar esses sons simplesmente como *fonas*, na distinção tradicionalmente adotada nos estudos lingüísticos, a partir da definição de fonema de Baudouin de Courtenay e dos trabalhos do 1º Congresso Internacional de Lingüística (Haia, 1928). No entanto, a definição de fonema inclui como um dos seus traços característicos ser um *som significativo*, e esses sons a que nos referimos preenchem perfeitamente esta exigência classificatória, uma vez que eles decididamente *significam alguma coisa*. Por esta razão, optou-se por chamá-los de *quase-fonemas*.

Existem três tipos de *quase-fonemas* no português: os *cliques*, as consoantes e vogais *nasais puras* e as *consoantes ingressivas*, sendo que estas últimas ocorrem apenas no calão, como veremos a seguir.

OS CLIQUES

Cliques são sons feitos não pela expulsão do ar dos pulmões, como ocorre com todos os fonemas do português, mas pelo ruído produzido pela súbita entrada do ar num espaço onde havia um vácuo, ou algo próximo disto. É interessante notar que, apesar de nenhum deles funcionar como fonema, o português do Brasil utiliza,

Departamento de Letras

com função de interjeição, quatro dos cinco cliques tradicionalmente descritos nos compêndios de fonética. Assim sendo, temos:

A) Um clique bilabial, usado comumente para reproduzir o som do beijo ou para enviar um beijo à distância, geralmente representado nas histórias em quadrinhos pela onomatopéia “smack”.

B) Um clique dental-alveolar, usado para indicar desaprovação, normalmente representado na grafia por “tsk tsk tsk!”.

Exemplo:

(1) Tsk tsk tsk! Ela não tem jeito mesmo!

C) Um clique alvéolo-palatal, de uso mais restrito, usado para chamar cachorros, ou para incitar o cavalo a andar, normalmente produzido com os lábios menos arredondados no primeiro caso e com os lábios mais arredondados no segundo caso. Raras vezes representado graficamente, sua grafia oscila entre “tchic tchic tchic ” e “chique chique chique ” no primeiro caso e entre “tcho tcho” e “tchuc tchuc” no segundo.

Exemplos:

(2) Vem cá, cachorrinho! Chique chique chique!

(3) Eia, cavalo! Tcho tcho!

D) Um clique palato-velar, usado normalmente para imitar o barulho dos cascos dos cavalos no solo, normalmente representado na grafia como “toc toc toc toc” ou “tloc tloc tloc”, recentemente usado como breque numa canção popular.

Exemplos:

(4) Ia o cavalinho, tloc tloc tloc!, pela estrada a fora, tloc tloc tloc!

(5) Quero te amar, toc toc! quero te beijar, toc toc!

AS NASAIS PURAS

As consoantes e vogais *nasais puras*, ou seja, aquelas que são pronunciadas com a corrente de ar vinda dos pulmões escoando-se

exclusivamente pelas narinas, com a boca fechada, têm uma diferença fundamental em relação aos outros *quase-fonemas*: elas não só admitem *variação de entoação* como sempre a utilizam, talvez porque sejam usadas em interjeições com alta carga de emoção. Como não temos conhecimento de representação fonética para este tipo de situação, optamos por representar as nasais puras do português pelo símbolo da vogal ou consoante à qual elas mais se assemelham com dois sinais de til, um acima e outro abaixo, seguido da entoação correspondente.

Como todas as vogais nasais puras do português são pronunciadas com a boca fechada, grande parte da sua classificação em termos de ponto de articulação se perde, tornando todas as vogais nasais puras altas e fechadas, divididas apenas em *anterior*, *central* e *posterior*, sendo que a última possui uma variante “*glide*” (ditongada). Já as consoantes nasais puras que ocorrem no português são sempre fricativas glotais, podendo soar de três maneiras: simples, velarizada ou palatalizada (difícil perceber e, portanto, decidir, nos dois últimos casos, se a consoante está ou não associada a uma vogal).

Assim sendo, temos as seguintes nasais puras:

A) Uma vogal nasal pura posterior alongada, com entoação ascendente, indicativa de uma grande aprovação, como diante de uma comida saborosa ou de uma mulher muito bonita, geralmente representada “*uuum!*” na grafia.

Exemplos:

(6) *Uuuum!* Mas que delícia!

(7) *Uuuum!* Olha só que gatinha!

Quando em resposta a uma pergunta real ou hipotética, costuma vir repetida.

Exemplo:

(8) — E aí! Que achou (da proposta, da mulher, etc.)?

— *Uuum! Uuuum!* Essa, sim!

B) Uma vogal nasal pura posterior “*glide*”, com entoação alto descendente, indicativa de profundo desagrado, principalmente em

relação a um cheiro ruim. Muitas vezes representada graficamente por “um... !?”, com acento de exclamação e interrogação.

Exemplo:

(9) Um...!? Que inhaca!

C) Uma consoante fricativa glotal nasal pura simples, normalmente pronunciada repetidamente, com entoação descendente, indicativa de menosprezo, normalmente acompanhada de um sacudir dos ombros. Geralmente representada por “hum!...”, com reticências depois do ponto de exclamação.

Exemplo:

(10) Hum hum!... Até parece que eu ligo!

D) Uma consoante fricativa glotal nasal pura velarizada, com entoação baixo ascendente, geralmente repetida, que pode indicar anuência ou atenção. Pronunciada isoladamente, com uma curva ascendente mais acentuada, sinaliza ao ouvinte que ele deve prestar mais atenção ao que foi dito, ou que o interlocutor está plenamente atento, ou ainda que é esperada uma resposta imediata. Normalmente representada graficamente por “hm!”.

Exemplos:

(11) — Estamos combinados, então?

— Hm hm!

(12) — E aí, o que você acha? Hm!

E) Uma consoante fricativa glotal nasal pura palatalizada, com entoação baixo ascendente, geralmente repetida (às vezes, três ou quatro vezes), indica uma aprovação ou admoestação irônica. I-gualmente representada na grafia por “hm!”.

Exemplos:

(13) — Vai estudar? Hm hm hm! Faz de conta que eu acredito.

(14) — Você é a Soninha? Hm hm hm hm!

As outras nasais puras que ocorrem no português são de uso muito esporádico, usadas mais com sentido lúdico do que comunica-

tivo.

AS CONSOANTES INGRESSIVAS DO CALÃO

Com a generalização do comércio de drogas no Rio de Janeiro, multiplicaram-se os exemplos concernentes ao calão específico dessa atividade. Além de várias palavras e expressões que praticamente já se incorporaram ao linguajar carioca, como *bagana* (cujas origens remontam à Guerra do Paraguai), *preto* e *branco* (metonímias recentemente introduzidas), *avião*, *vapor*, *barato*, *olheiro*, “*sol-dado*”, etc., passou-se a usar, nas últimas décadas, duas interjeições onomatopaicas muito significativas, ambas valendo-se de *consoantes ingressivas*, ou seja, aquelas produzidas com o ar entrando para os pulmões, em vez de saindo. Assim sendo, temos:

A) Uma consoante fricativa bilabial ingressiva (representação onomatopaica do ruído de dar uma tragada profunda num cigarro), que optamos por representar pelo símbolo fonético da fricativa bilabial surda seguida de uma seta voltada para a direita, usada para convidar alguém a fumar maconha ou para sinalizar que alguém costuma fumar maconha. Não possui representação gráfica.

Exemplos:

(15) — Como é, vamos?

(16) — Ele já foi um bom rapaz, mas agora é só.

B) Uma consoante nasal pura ingressiva (representação onomatopaica do ruído de uma aspiração profunda) a qual representaremos por dois sinais de til, um acima e outro abaixo, seguido de uma seta voltada para a direita, usada para convidar alguém a cheirar cocaína, ou para indagar se alguém tem cocaína, ou ainda para indicar que alguém costuma fazer uso de cocaína. Normalmente é pronunciada repetidamente. Sua representação gráfica mais comum é “sniff sniff”.

Exemplos:

(17) — E aí, tem? “Sniff sniff”.

(18) — Paulinho!? Maior “sniff sniff”.

CONCLUSÃO

Como pudemos constatar acima, existe uma classe de interjeições, extremamente carregadas de emoção e/ou intenções, que são expressas por sons que nunca são usados na linguagem emocionalmente neutra. O fato de essas conjunções serem altamente significativas nos inclina a classificar estes sons numa zona fronteira entre os *fonemas*, que são significativos, segmentáveis e comutáveis, e os *fonos*, que não são significativos, de acordo com a maioria das distinções aceitas entre fonemas e fones, razão de as chamarmos de *quase-fonemas*.

Não obstante essa questão terminológica, achamos bastante interessante comprovar que o português do Brasil conta, em seu elenco fonético, além das consoantes e vogais tradicionalmente listadas e estudadas nos compêndios, com nada menos que nove outras vogais e consoantes em pleno uso na realidade lingüística cotidiana da nação.